

INSTITUTO
Documentação
SOCIOAMBIENTAL
Fonte: *OG lobo*
Data: *4/3/2000* Pg *21*
Class: *489*

A voz do índio na História do Brasil

Em "A terra dos mil povos", Kaka Werá olha o passado sem ressentimento

A terra dos mil povos, de Kaka Werá Jecupé. Editora Fundação Peirópolis, 116 páginas. R\$ 18,00

Antonio Madalena

Qual o lugar do índio no Brasil que comemora os 500 anos? Ir atrás desta resposta implica olhar o passado e ver o presente. A História do Brasil em relação aos seus primeiros habitantes é uma narrativa de sucessivos erros e equívocos: exploração, extermínio, menosprezo e indiferença. Um conto de terror real. Se a História, por hábito, costuma ser escrita pelos conquistadores, sem dar voz aos vencidos, este "A terra dos mil povos" recupera essa voz perdida, sem contrapor qualquer ressentimento ou rancor.

Como o subtítulo do livro salienta, trata-se da História indígena do Brasil contada por um índio. Um índio que, como a maioria dos que sobreviveram para ver o século XX, perdeu os laços com a sua tradição em meio à tentativa de so-

breviver no meio social urbano. Kaka Werá Jecupé, no entanto, fez o caminho do retorno, recuperando o elo espiritual com sua origem e se tornando uma das vozes mais representativas do saber e da cultura dos povos indígenas que habitam o Brasil desde muito antes dos europeus aqui aportarem.

Livro recupera cultura e espiritualidade indígena

Kaka Werá Jecupé surpreende, mostrando a História de uma terra que já era habitada há 15 mil anos por diferentes nações indígenas. O livro não aborda apenas os aspectos da cultura e sociedade dos índios no período destes 500 anos, mas mais que isso reconstitui a riqueza de tradição, pensamento e espiritualidade dos índios. É sem dúvida uma bela contribuição, um ponto de referência para que a visão que nossa sociedade tem do índio possa mudar. Uma visão que incrivelmente não é muito diferente daquela de 500 anos atrás. Quando se discute se o

Brasil já tem uma identidade própria e específica, talvez esse fato, o modo como a sociedade olha os indígenas, seja uma marca a dizer que não. Quando isso tiver sido feito, se algum dia o for, teremos não apenas uma identidade, mas também um padrão ético mais saudável. Quem no Brasil tem orgulho de suas raízes étnicas indígenas? E no entanto, o índio é um dos elementos formadores do Brasil, com uma contribuição que até hoje não levamos em conta, desprezando as evidências de que, a seu modo, esses povos têm uma sabedoria que pode e deve contribuir para a riqueza cultural do país. O paradoxal é que 90% das fábulas, lendas e mitos da cultura brasileira são de origem tupi.

Kaka lembra que as 206 etnias existentes no Brasil são originárias de quatro troncos: tupi, karib, jê e aruak. Todas elas têm em comum o desenvolvimento de uma cultura ligada ao respeito à natureza. Suas diferentes cosmologias e sociedades surgiram a partir

das características dos lugares — montanhas, florestas, cerrados — que adotaram para viver. Antes da chegada do homem branco, esses quatro troncos eram vistos, de acordo com o ponto de vista tupi, como Filhos da Terra, Filhos do Sol e Filhos da Lua, ou, na linguagem indígena, respectivamente, Tupihambá, Tupy-Guarani e Tapuia.

Através do sagrado, união do corpo com a mente

A saga indígena é o desenvolvimento destas linhagens que criaram, a partir de uma visão sagrada, técnicas para manter o corpo unido à mente e ao espírito. Quando se sabe que o Parque Nacional do Xingu é uma reserva natural, sem poluição, com sua fauna e flora intocadas, e que toda a região que o cerca se transforma numa progressiva terra desolada, fruto da ação de pecuaristas e madeiras, um livro como o de Kaka Werá Jecupé mostra o quanto podemos crescer respeitando os índios. ■

Antonio Madalena é escritor



UM ÍNDIO camacã, do ramo dos tapuias, desenhado por Debret

Reprodução